

ENTREVISTA COM O PROFESSOR E PESQUISADOR WILTON JOSÉ MARQUES

DOI: 10.47677/gluks.v24i3.498

Recebido: 01/09/2024

Aprovado: 06/09/2024

CASTRO, Flaviana Barcelos de Castro¹
GROSSI, Anna Giulia Cardoso²
DINIZ FILHO, Luiz Henrique³

A literatura produzida no Brasil, a partir dos oitocentos, é de fundamental importância porque, segundo Antonio Candido, é nesse momento que se instaura certa regularidade na produção artística, um grupo de autores mais ou menos conscientes de seu papel e um público leitor, ainda que pequeno, configurando-se, aquilo que o crítico chamou de sistema literário. A partir disso, dá-se um especial destaque ao Romantismo brasileiro, já que esse movimento revelou grandes escritores do cânone nacional, como Gonçalves Dias, Machado de Assis, José de Alencar e Álvares de Azevedo, por exemplo, os quais contribuíram para pensar o problema da brasilidade em diferentes vieses. Torna-se imprescindível, portanto, entender melhor as relações entre literatura e história para se compreender esse complexo período, que ainda reverbera na maneira como concebemos o país. Considerando esse cenário e o presente dossiê da revista *Gláuks*, dedicado aos estudos oitocentistas, colocamos em foco o professor Wilton Marques, que pesquisa essas questões e esses autores há quase 30 anos.

Wilton José Marques possui graduação em História pela Universidade Estadual de Campinas, mestrado em Teoria e História Literária pela mesma instituição e doutorado em Letras (Literatura Brasileira) pela Universidade de São Paulo. Atualmente, é professor titular do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos e colaborador permanente

¹ Graduada em Letras (Português/Literatura) pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). É Professora de Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação em Minas Gerais (SEE/MG). E-mail: bflaviana464@gmail.com

² Graduanda em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). É bolsista de Iniciação Científica em pesquisa financiada pela FAPEMIG. E-mail: anna.grossi@ufv.br

³ Graduando em Letras (Português/Literatura) pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). É professor de oficinas de redação na Escola do Legislativo. E-mail: luiz.filho1@ufv.br

do Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura, da mesma instituição, atuando nas áreas de Literatura Brasileira e Teoria Literária. Como pesquisador, deu a lume trabalhos de significativa importância para a comunidade acadêmica, entre os quais destacamos *Gonçalves Dias: o poeta na contramão* (EDUFSCar, 2010), vencedor do prêmio Jabuti de 2011, na categoria Crítica e Teoria Literária; e *Machado de Assis e as primeiras incertezas* (Alameda, 2022), que recebeu o prêmio Mário de Andrade para ensaios literários, da Biblioteca Nacional, em 2023.

Para além de detalhar seu processo de estudo e pesquisa, o professor tratou da formação universitária, de forma ampla. Segundo ele, estudar literatura é ler literatura, atividade imprescindível na carreira das Letras, embora, muitas vezes, negligenciada. Em sua visão, é preciso estar aberto ao conhecimento, que está presente em leituras, filmes, vivências diversas dentro da universidade. Essa abertura de horizontes garante uma boa formação e permite ao futuro professor atuar como mediador de leitura, compartilhando com seus estudantes a experiência literária. Além disso, ele ressalta que as condições de pesquisa estão melhores atualmente, fazendo com que os desafios de se trabalhar com os oitocentos sejam outros.

Tendo em vista a extensa trajetória do estudioso, a entrevista foi organizada em três momentos distintos: inicia-se pelo seu percurso formativo, passa pela sua experiência enquanto docente e se encerra tratando de suas pesquisas, concernentes sobretudo ao século XIX.

1. Percurso Formativo

01: Professor, a sua formação inicial é em História pela Unicamp, mas desde então a Literatura Brasileira é tema de seus trabalhos. Como surgiu esse interesse pelas Letras?

Resposta: Ainda que seja difícil precisar quando isso começou, arrisco a dizer que talvez se deva ao fato de que a literatura sempre esteve presente no meu horizonte de interesses. De todo modo, de início, entrei na Unicamp no curso de História. No meu tempo de estudante, era possível fazer dois vestibulares, assim, pouco depois, entrei na Letras e comecei então a fazer os dois cursos ao mesmo tempo. Mas, no meio do caminho, resolvi terminar História e

cursar apenas as disciplinas de literatura do curso de Letras. E aquele era um momento em que o IEL tinha grandes professores, cujas aulas abriram completamente os meus interesses acadêmicos para a pesquisa, sobretudo os que se referiam às possibilidades de se pensar a relação entre literatura e história ou entre *Literatura e sociedade*, para usar aqui o título do livro do Antonio Candido, que foi, inclusive, o primeiro diretor do IEL. No fundo, a nossa formação intelectual é sempre fruto direto dos diálogos que travamos com os nossos professores, o que, aliás, foi determinante para a escolha dos estudos literários. Em outras palavras, tive, por assim dizer, uma sorte histórica de ter grandes professores (Berta Waldman, que foi a minha primeira orientadora, Roberto Schwarz, Vilma Areias, Marisa Lajolo, Modesto Carone, entre outros...) que obviamente foram fundamentais para a minha formação crítico-literária. Mas, como também fazia História, percebi que a relação entre literatura e história poderia ser desenvolvida nos dois cursos, tanto que na História também tive a oportunidade de trabalhar com a literatura. Fiz, por exemplo, tanto uma disciplina sobre o Proust quanto outra sobre a Literatura Latino-Americana. Enfim, ao pensar, ou melhor, ao insistir nessa inter-relação, intuí que poderia ser um caminho possível para a minha carreira.

Como primeiro passo para o aprendizado do trabalho de pesquisa, fiz uma iniciação científica na Letras, pela FAPESP, que durou três anos e que partia de uma questão geral: pensar o problema do nacionalismo na Literatura Brasileira em três momentos distintos: de um lado, obviamente no século XIX, quando foi gestado tal preocupação; e, de outro, no mapeamento das ressonâncias do nacionalismo tanto na primeira metade do século XX quanto na segunda metade do século XX. Foi a partir desse primeiro trabalho que os meus interesses de pesquisa me empurraram para o século XIX. Assim, fui sendo tomado por um curioso fascínio de tentar estudar o passado, sobretudo porque, de início, é comum achar que o passado é uma coisa algo resolvida, mas, na realidade, quando se começa a enxergar a dinâmica que regeu, por exemplo, a formação da sociedade brasileira, logo se percebe que existem vários acontecimentos, históricos ou literários, que ainda não estão resolvidos, e que, por isso mesmo, seria possível lançar sobre eles outros olhares, o que abriu a perspectiva de se propor novas interpretações. Com o tempo, as coisas foram ficando mais divertidas, e o trabalho com literatura e história foi se impondo cada vez mais. Assim, no Mestrado, fiz uma dissertação sobre a “Canção do Exílio”, no Doutorado, uma discussão sobre a temática

indígena nos *Primeiros Cantos*, orientado pelo Alcides Villaça, e, no Pós-doutorado, supervisionado pela Vilma Areias, uma longa pesquisa sobre uma obra desconhecida do Gonçalves Dias e que se chama *Meditação*. Nessa obra, que, aliás, é inacabada, o poeta maranhense tanto discute com contundência crítica o problema da escravidão no Brasil, quanto apresenta uma visada negativa sobre o papel da elite dirigente na manutenção das desigualdades sociais no país. Essa talvez seja a primeira obra literária que trata de tais problemas. Escrita por um autor, que logo se transformaria em canônico na literatura brasileira, *Meditação* foi publicada no início de 1850, ou seja, num momento histórico em que tais assuntos, nem de longe, apareciam nas obras românticas. Depois disso, vieram naturalmente outros estudos relacionados ao século XIX, seja sobre autores desconhecidos, como o Firmino Rodrigues da Silva, que, sem nunca publicar um livro, escreveu um poema importante para a consolidação temática do indianismo romântico, seja sobre conhecidos. Trabalhei, por exemplo, com algumas crônicas inéditas de *Ao correr da pena*, do José de Alencar e, agora, com a sua (pouco conhecida) produção poética e, principalmente, com o Machado de Assis, notadamente sobre a sua juventude literária. Enfim, estou nesse universo de pesquisa há quase trinta anos, tentando ainda compreender a importância dos diálogos histórico-literários que permeiam grande parte da literatura produzida ao longo do século XIX brasileiro.

02: Em sua perspectiva, quais os principais pontos de interseccionalidade entre História e Literatura? O senhor diria que essa passagem por ambas as áreas teve algum impacto na delimitação daquilo que viria a se tornar o seu objeto de estudo? No caso, a literatura brasileira dos séculos XIX e XX?

Resposta: Então, o problema é que se tem ainda uma concepção muito romântica do que seja um escritor e, por tabela, do que seja sua obra. Não se pode perder de vista que o escritor é um ser humano pensante que tem os seus próprios problemas: precisa pagar as contas, cuidar dos filhos, enfim, sobreviver. Para tentar entender esse lugar social ocupado num momento em que o espaço público de atuação do trabalho intelectual era muito escasso, foi preciso recorrer à história. Mas não estou dizendo que se deva fazer a leitura da obra a partir de uma

perspectiva biográfica – o que é errôneo pensar –, isso também seria uma visão da crítica ainda romântica. Uma coisa é a literatura, outra coisa é a história. Então a história é usada para entender o lugar de circulação dos autores dentro dos poucos espaços da sociedade brasileira, já a literatura é outra coisa, afinal, o que se deve focar e, sobretudo, analisar é o texto literário, e, sobretudo, as possibilidades interpretativas que ele pode nos oferecer.

Vou dar um exemplo aqui, quando descobri em 2015 um poema inédito do jovem Machado de Assis, que louvava a independência do Brasil e que se chama “O grito do Ipiranga” (1856), a primeira preocupação foi a de tentar pensá-lo a partir de alguns referenciais históricos que apareciam nele, pois, logo na primeira estrofe do poema, há uma comparação entre o processo da independência do Brasil e o processo de formação da República Romana. Lendo o texto, acabei descobrindo de onde vinha a discussão sobre a República Romana: do livro I da *História de Roma*, do Tito Lívio. Mais importante do que descobrir que o jovem Machado lia Tito Lívio, foi encontrar nesse poema de juventude o primeiro exemplo de diálogo intertextual com a história. Se você estuda a obra do Machado em perspectiva mais longa, vai perceber que uma das características fundamentais de seu estilo é justamente o recurso à intertextualidade, isto é, o diálogo com os grandes escritores e/ou com os fatos históricos, e isso já estava presente no começo de sua carreira literária. Esse poema é a primeira relação de diálogo com o elemento histórico na poesia machadiana. Praticamente um ano antes, num poema chamado “A Saudade” (1855), ele já havia feito o primeiro diálogo intertextual com o universo mitológico grego. Ou seja, pensar nesse tipo de problema é importante para entender como se deu o processo de formação intelectual de um jovem escritor, negro e pobre, e que se tornaria o principal autor no cenário literário de uma sociedade escravista como a brasileira. Dessa forma, a história é um elemento fundamental para se entender o lugar do escritor dentro da sociedade, suas estratégias de sobrevivência, mas obviamente a história não explica a literatura porque o texto literário tem a sua autonomia. E estudar literatura é outra coisa, é ler o texto literário; o próprio texto literário é que deve fornecer as respostas possíveis para a sua interpretação. Não se pode pensar numa relação mecânica de explicar um pelo outro, não é isso, a história pensa as pessoas e os acontecimentos, a crítica literária pensa o texto, ainda que o texto possa estabelecer alguma

relação com tempo histórico. Não se pode perder de vista que todo texto literário é ficcional, não é a verdade em si, mas a sua representação.

03: Há alguma obra da Literatura Brasileira que foi providencial para a sua formação como historiador? E há alguma obra estudada no curso de História que foi providencial para a sua formação de mestre em Teoria e História da Literatura e, posteriormente, como doutor em Literatura Brasileira?

Resposta: Não existe uma obra específica, existem muitas, e a importância de cada uma aparece ligada ao momento demandado pela especificidade da pesquisa. O fato é que somos resultantes do nosso caminho de estudo, ou seja, somos o que lemos. O que acontece é que, com o tempo, sempre ele, melhoramos a nossa capacidade de leitura e, como consequência, conseguimos estabelecer vários tipos de relações com os diferentes textos que lemos, às vezes, até com textos que aparentemente não têm à primeira vista uma inter-relação com o que estamos pesquisando. Na verdade, precisamos nos esforçar para sempre aprimorarmos a nossa formação intelectual, embora saibamos de antemão que ela sempre será incompleta. De toda forma, isso ajudará a nossa capacidade analítica em relação a qualquer outro texto.

Vou dar aqui um exemplo pontual que me aconteceu. A revista da FAPESP me convidou para escrever uma resenha de um livro, chamado *Maquinação do mundo: Drummond e a mineração* (2018), do José Miguel Wisnik. É um livro sobre a formação do Drummond e a relação dele com Itabira. Dessa forma, eu li o livro e fiz a resenha. Mas, ao mesmo tempo, eu estava com um problema para estruturar as muitas informações, algumas inéditas, que havia levantado para o livro sobre o Machado (*Machado de Assis e as primeiras incertezas*). Pois bem, ao fazer a resenha, percebi que o livro sobre o Drummond, a despeito de os assuntos serem diferentes, poderia servir de modelo para organização do meu livro. Em outras palavras, precisamos estar sempre ligados ao que lemos, ou melhor, sempre disponíveis ao conhecimento, é dessa forma que vamos amplificar o nosso saber e, por tabela, a nossa visão de mundo.

04: *Para encerrar esta seção, gostaríamos que o senhor nos contasse um pouco como foi passar por instituições distintas ao longo de seu percurso acadêmico. Como isso contribuiu para sua formação? Poderia evidenciar um ponto positivo em relação a cada uma dessas instituições, no caso, UNICAMP e USP, além de sua experiência no exterior?*

Resposta: É preciso sempre levar em conta que a nossa trajetória individual é cercada por muitas incertezas ao longo do caminho. De todo modo, passar por universidades que nos forneçam uma boa formação sempre ajuda, sobretudo pelas possibilidades oferecidas e não apenas dentro das salas de aulas. São as experiências que vamos tendo ao longo do percurso que nos dão algumas certezas, ainda que, no fundo, todas possam ser algo precárias. Tudo que vivemos faz parte do pacote, os problemas, as relações criadas ou abandonadas, os estudos. À medida que as coisas passam a fazer algum sentido, é possível pensar melhor nas nossas escolhas e, por tabela, num processo de direcionamento. Quando isso se articulou na minha cabeça, a única coisa que sabia naquele momento é que a minha trajetória deveria ser construída aos poucos. Demorei 7 anos para me formar na graduação porque em algum momento também precisei “pagar as minhas contas”. E foi nesse momento que eu resolvi que só faria as matérias de literatura na Letras e terminaria o curso de História. Eu fazia poucas disciplinas por semestre, mas, para compensar, lia tudo das disciplinas. Quando se faz uma opção de vida é preciso bancá-la. Depois, o Mestrado, o Doutorado e o Pós-doutorado foram mais rápidos, porque a base da minha formação, que foi a graduação e as primeiras experiências de pesquisa na Iniciação Científica, já me possibilitava as condições intelectuais para que eu pudesse começar a desejar uma carreira acadêmica, e as oportunidades acabam aparecendo. Em suma, é óbvio que estar numa boa instituição pode facilitar o trajeto, mas, nada cai do céu, é preciso correr atrás.

Quando estava escrevendo o livro do Gonçalves Dias, eu fiquei um tempo em Coimbra porque o poeta tinha estudado lá. Eu precisava de algumas informações porque me interessava saber mais detalhes sobre o seu processo de formação, já que a *Meditação* é um texto de juventude, e que sofreu, inclusive, influência direta de um texto do Alexandre Herculano, *A voz do profeta*. E foi uma experiência bem interessante, não apenas do ponto de

vista acadêmico, porque, ainda que historicamente haja uma proximidade com a cultura portuguesa, é outra realidade, e a diferença sempre ensina alguma coisa.

2. Experiência docente

01: O enfoque de seus trabalhos é principalmente o Romantismo e o Realismo brasileiros, em especial, os autores Gonçalves Dias e Machado de Assis, mas durante sua carreira como docente, ministrou em três ocasiões a disciplina “Drummond e a poesia em pânico”, em 2006, 2018 e atualmente. Na sua opinião, há uma relação entre essas temáticas, essas épocas e esses autores?

Resposta: Ser professor universitário não significa que somente daremos aulas sobre os temas de nossas pesquisas, ainda bem, já que o universo literário é muito amplo. Mas, no caso do Drummond, é um poeta de que gosto muito, ele faz parte da minha santíssima trindade junto com o Machado e o Pessoa. De toda forma, é possível encontrar relações literárias entre diferentes autores, veladas ou não. N^o *A Rosa do Povo*, por exemplo, o Drummond publicou a “Nova Canção do Exílio”, dialogando com o Gonçalves Dias, aliás, há outros diálogos entre os dois na obra drummondiana. A ideia desse curso está pautada na leitura integral do livro, ou seja, ler e discutir cada um dos poemas. E como a análise do texto poético sempre gera apreensão nos alunos, o curso tenta apresentar alguns possíveis caminhos analíticos. Como se sabe, o livro tem vários referenciais históricos, porque foi gestado num momento em que havia a possibilidade de uma mudança radical na história. De certo modo, *A Rosa do Povo* responde a uma angústia individual do poeta permeado, de um lado, pela Segunda Guerra Mundial, e, de outro, pelo Estado Novo getulista. Hoje, talvez não seja possível ter a dimensão do que significava passar pela experiência, ainda que distante do país, de uma guerra mundial, e mais, nem a dimensão do que seria a possibilidade de o outro lado ganhar e que impactos isso causaria. Ao mesmo tempo, há o dilema do próprio Drummond por trabalhar no Ministério da Educação de um Estado que naquele momento era praticamente uma ditadura. Quer dizer, havia uma expectativa de grande incerteza na vida do mundo e do país e, ao mesmo tempo, a crença do próprio poeta de dar à sua poesia uma perspectiva participante, ou se quiser, uma perspectiva mais engajada nos temas sociais. A profundidade

do livro é tamanha porque tem poemas que captam essas incertezas e outros que sintetizam um olhar mais esperançoso e/ou de resistência, ainda que sempre algo permeado pela melancolia drummondiana. Em suma, essa é uma daquelas obras que, quando bem lida, não se sai do mesmo jeito, há sempre algum ganho imponderável e que, ao fim e ao cabo, acaba nos humanizando, sobretudo no que se refere aos problemas do mundo.

02: O senhor é professor de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura há muitos anos. Nesse tempo decorrido, seria possível enxergar uma mudança no perfil do estudante de Letras? Isto é, qualquer percepção comparativa que o senhor já captou, entre o estudante de Letras do início da sua atuação docente para o estudante de Letras atual.

Resposta: Acho que atualmente ainda sofremos as consequências da pandemia e da solução que fomos forçados a adotar, isto é, a de aulas virtuais. Com a volta ao ensino presencial, algo que tem ficado muito visível na sala de aula são as dificuldades de leitura, que, de certo modo, estão associadas ao uso excessivo das redes virtuais. Se em tais redes a leitura, quando muito, é um simples bater de olhos, a mesma estratégia obviamente não funciona num curso que se propõe a formar leitores mais qualificados, o que impacta (e muito) no processo de formação desses futuros professores. É preciso voltar à leitura mais atenta do texto, sobretudo a do texto literário. Como já disse e insisto, estudar literatura é ler literatura. E o professor é *a priori* um mediador de leitura, e, por conta disso, precisa ser capaz de ter um olhar mais aprofundado sobre o texto para poder também compartilhar com seus futuros alunos as possibilidades de interpretação. Aluno que cursa Letras e não se dedica à leitura será provavelmente um professor que não conseguirá compartilhar tais possibilidades, ou seja, terá uma formação falhada. Para enfrentar esse problema, procuro dar muita atenção ao texto na sala de aula, inclusive, lendo e comentando tais leituras com os alunos, chamando a atenção para as especificidades interpretativas dos diferentes tipos de textos, tentando ajudá-los a elucidar as estratégias necessárias para uma melhor compreensão de qualquer texto literário. Em literatura, não tem jeito, a leitura é tudo.

03: Na sua avaliação, os livros didáticos do Ensino Médio produzem uma leitura adequada do que foi o movimento romântico no Brasil?

Resposta: O problema do estudo de literatura no Ensino Médio é ainda a construção de uma visada muito automática da literatura, seja romântica ou não, priorizando mais datas e algumas informações algo generalizantes dos diversos momentos literários do que propriamente a leitura corpo-a-corpo de texto literário. No fundo, a adoção de listas de livros nos vestibulares foi uma tentativa de interferir nesse problema. De todo modo, a função do Ensino Médio, no caso da literatura, é construir um repertório mínimo de cultura letrada para o “próximo passo”, que é o ingresso na universidade. E ter acesso a um repertório interessante de leituras é de fundamental importância para a própria formação intelectual dos alunos, o que, independente das carreiras que venham a escolher, propiciará a construção de uma visão de mundo mais ampla.

04: Como o senhor vê a intersecção entre a sua atuação como professor e como pesquisador, em especial quanto à orientação acadêmica? Poderia citar semelhanças e diferenças desses processos?

Resposta: Eu acho que é tudo uma coisa só. Apesar de o nosso programa [de pós-graduação] ser pequeno, há um arco amplo de interesses que precisa ser atendido, o que, por tabela, faz com que o orientador tenha que se desdobrar para atender tais interesses, independentemente de tais interesses de pesquisa serem próximos ou não de seu universo de estudo. A diversidade é sempre desafiadora, sobretudo porque, dependendo da especificidade temática e/ou temporal do texto a ser objeto de análise, é sempre preciso repensar as possibilidades analíticas, o que, no limite, traz ganhos tanto para o orientando quanto para o orientador.

Por exemplo, no meu caso, atualmente tenho uma orientanda que estuda Haroldo de Campos, outra que estuda Fagundes Varela, outro que estuda Lima Barreto, outro que estuda as principais revistas românticas, outro que estuda a Carolina de Jesus numa [perspectiva] comparada com um escritor sul-africano e outro que estuda a obra da Elisa Lispector. Além

disso, ainda tenho mais três alunos de Iniciação Científica que pesquisam as *Primaveras*, do Casimiro de Abreu, *O quinze*, da Rachel de Queiroz e ainda a *Casa Velha*, do Machado. Nesse sentido, para poder estabelecer uma relação de diálogo que possa ajudar os diferentes temas dos meus orientandos, próximos ou não de meu universo de pesquisa, também tenho que me dedicar aos assuntos pesquisados. É obviamente um trabalho intelectual árduo, já que é preciso conciliar vários interesses, mas obviamente os resultados, na maioria das vezes, são bem alentadores, sobretudo quando os orientandos começam a trilhar os seus próprios caminhos e desafios. Enfim, orientar, no fundo, é compartilhar tanto o conhecimento em si quanto a própria experiência de pesquisa, seja em relação ao processo de escrita dos trabalhos, seja sugerindo possibilidades de análise para o texto escolhido. E nessa senda seguimos...

3. Experiência de pesquisa

01: Wilton, dada as inúmeras atribuições do trabalho docente e uma carreira ativa no âmbito da pesquisa, com diversas publicações, entre livros e artigos, gostaríamos de saber como o senhor se organiza para ter espaço para essa atividade no seu dia-a-dia. Além disso, há, de sua parte, uma preferência pela publicação de livros ou de artigos?

Resposta: Apesar de certa percepção geral de que a função do professor seja somente “dar aulas”, é justamente por conta das muitas atribuições além do trabalho docente e das orientações que procuro, na medida do possível, otimizar ao máximo o meu tempo de escrita e pesquisa. Eu gosto muito de estudar e pesquisar, o que obviamente me dá um grande prazer. Assim, quando estou trabalhando numa pesquisa, uso todo o meu tempo possível. Em outras palavras, sempre tento articular o meu ritmo de trabalho com todo e qualquer tempo “livre” que consiga arrumar. Por outro lado, sempre prefiro fazer pesquisa a longo prazo, o que, dependendo da extensão do assunto, pode durar anos, mesmo porque durante o percurso podem surgir outros assuntos que acabam virando outras pesquisas. Por causa disso, prefiro pensar que a pesquisa sempre pode terminar num novo livro, pois, ainda que eventualmente possa antecipar alguns resultados na forma de artigos, no livro é possível aprofundar a visada crítica sobre o problema estudado. De toda forma, de vez em quando até faço um artigo

pontual ou mesmo um capítulo de livro, mas gosto mesmo de pesquisas de tempo longo, tanto que a minha produção acadêmica em si não é muito numerosa.

02: Ao descrever vários de seus projetos de pesquisa, o senhor evidencia que seu trabalho se dá a partir de um viés que considera a literatura através de sua relação com a sociedade. Poderia nos explicar como enxerga esse processo, especialmente no que tange à produção literária brasileira oitocentista?

Resposta: No fundo, acho que estudar o texto literário oitocentista articulado com a perspectiva histórica é também a tentativa de compreender um pouco mais as contradições da sociedade brasileira e, sobretudo, a persistência das desigualdades sociais, ou seja, por que a sociedade brasileira ainda hoje é injusta? São questões que o passado nos ajuda a compreender, já que alguns autores trataram delas. Se pensamos no problema da escravidão, o suposto sentimento de superioridade herdado da mentalidade escravocrata reaparece hoje através de preconceitos e exclusões sociais. Problematizar e sobretudo entender o nosso mundo, de forma pequena ou grande, é um modo de contribuir para mudá-lo. Por isso, entendo que o estudo da literatura também pode ajudar, seja pelo compartilhamento da experiência estética em si, seja pelo entendimento dos olhares que tais autores lançaram sobre os seus respectivos tempos históricos. Se lermos, por exemplo, uma passagem do *Quincas Borba* [de Machado de Assis, 1891], em que se diz que “o melhor modo de contemplar o chicote é segurando-o pelo cabo, não pela ponta”, reconhecemos de antemão que tal postura excludente é sintetizada nessa afirmação. Por outro lado, ao problematizarmos essa constatação literária de fundo histórico, entendemos, por exemplo, o porquê da necessidade de termos cotas nas universidades públicas. Na verdade, é uma imperiosa questão de justiça social explicada pelo nosso processo histórico. E a literatura, ao explicitar tais discussões, nos ajuda obviamente a entender as próprias contradições do Brasil.

03: O título do seu projeto de pesquisa atual é “O Correio Mercantil e os literatos”, e propõe uma investigação acerca da importância literária, social e cultural do periódico Correio Mercantil para a sociedade carioca do século XIX. Pode-se enxergar esse projeto como sendo

um desdobramento do seu livro mais recente, cujo título é Machado de Assis e as primeiras incertezas, já que também trata um pouco dessa relevância do Correio Mercantil para os autores oitocentistas?

Resposta: Como o universo intelectual do oitocentos brasileiro era um tanto pequeno, há muitos diálogos entre as pesquisas que faço, porque, de maneira geral, os autores circulavam pelos mesmos espaços, notadamente pelas redações dos jornais. O *Correio Mercantil* (1848-1850), que rivalizava com os também importantes *Jornal do Commercio* e *Diário do Rio de Janeiro*, era ligado ao Partido Liberal. E no caso dessa pesquisa, a questão é justamente entender a relação desse jornal, que obviamente não era propriamente um periódico literário, com alguns dos principais autores do oitocentos brasileiro, são nomes, por exemplo, como Joaquim Manuel de Macedo, Gonçalves Dias, Manuel Antônio de Almeida, José de Alencar e o jovem Machado de Assis. Além de levantar a produção de cada um dos autores nas páginas do jornal, a ideia é tentar pensar se existia alguma relação entre os textos publicados e o posicionamento político do *Correio Mercantil*, bem como tentar mapear as eventuais reverberações sociais que tais textos produziam. Mas o trabalho de pesquisa ainda está no início, estou na fase de leitura do jornal, levantando informações para depois analisá-las e, como nesse tipo de pesquisa, sempre costuma aparecer alguma surpresa pelo caminho, talvez até, quem sabe, eu possa vir a incorporar outros autores à pesquisa. O tempo da pesquisa tem sempre uma dinâmica própria, é importante respeitar.

04: Wilton, como o senhor enxerga a pesquisa oitocentista no Brasil atualmente? Quais seus desafios e perspectivas?

Resposta: Ainda que exista uma certa percepção crítico-contemporânea que, às vezes, constrói um visada de descartabilidade ou de cancelamento de alguns autores do passado, pode-se dizer que a pesquisa oitocentista ocupa um espaço significativo na produção crítica do universo acadêmico brasileiro, inclusive, com grupos de pesquisa atuantes que, espalhados pelo país, têm feito trabalhos importantes. Por outro lado, é preciso destacar que o trabalho de pesquisa em si ganhou um impulso muito relevante, notadamente com o surgimento da

hemeroteca digital da *Biblioteca Nacional* e com alguns acervos digitalizados como, para citar um exemplo, o da *Biblioteca Guita e José Mindlin*, situada na USP. O que obviamente tem possibilitado ao pesquisador um acesso mais rápido aos jornais oitocentistas e a vários outros documentos, ou seja, as condições de trabalho têm melhorado e, nesse sentido, a tecnologia tem igualmente ajudado muito. Diante de tal disponibilidade de fontes primárias, as possibilidades interpretativas cresceram, o que é um ganho importante para as pesquisas sobre o passado, e que esperamos traga novos olhares para ajudar no melhor entendimento da cultura produzida no Brasil, seja a da literatura oitocentista, seja ainda a da literatura produzida no período colonial, que, aliás, nos últimos tempos, tem sido objeto de várias pesquisas interessantes. Enfim, seguimos fazendo a nossa parte.

Momento final

Finalmente, gostaríamos de deixar este momento final em aberto para que o senhor possa comentar algum aspecto que achar pertinente ou apontar algo que não tenha sido contemplado ao longo da entrevista.

Resposta: Obviamente, quero agradecer a vocês e à Natália [editora da *Gláuks* e organizadora do dossiê], pela oportunidade de falar um pouco sobre o trabalho de pesquisador. A entrevista em si é uma experiência interessante, porque ajuda, inclusive, a fazer um balanço do percurso acadêmico, e que, olhado de longe, algo reforça as escolhas feitas.